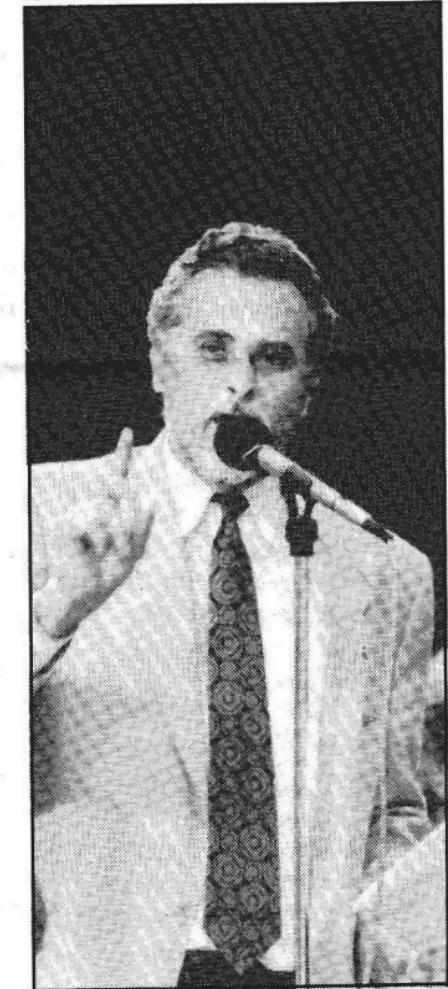


Indexação nem entra em jogo

A tarde, a maioria dos membros foi ao presidente da Câmara comunicar a obstrução, acompanhados dos líderes partidários. Os partidos de esquerda vão obstruir todas as matérias, o PMDB e o PSDB apenas as polêmicas. Mas no final da tarde, o líder Genaldo Corrêa (PMDB/BA) já falava em obstruir apenas as matérias que envolvam política salarial. Acreditam que, com 400 deputados em plenário, derrubam os vetos. No Senado, até o vice-líder do Governo, Ney Maranhão, já admite o risco: "Sem maioria a Oposição aqui vai cantar de galo".

"O povo está mal e o Governo acéfalo, nós temos que fazer alguma coisa", disse o líder do PT, José Genoíno que já está falando até em "parlamentarismo branco". Genoíno como outros líderes e parlamentares afirmam que o Governo já não tem interlocutor no Congresso. Ou pelo menos na Câmara. Por maior que seja o empenho do ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, na aprovação do **Emendão** e de outras matérias, já não acontecem na Câmara as reuniões de negociação com o Governo sempre promovidas pelo líder Humberto Souto que se encontra em Nova Iorque. O vice-líder do Bloco, Cleto Falcão (PRN/AL), foi informado pelos jornalistas da "greve branca" e garantiu que não sabia de nada. "Vou ligar para o Fiúza para saber o que fazer".

Cleto parecia atordoado com os acontecimentos e acusava seus pares de não terem lhe dado qualquer feedback. "Sou contra essa duplicidade de liderança", afirmou referindo-se ao papel do líder do Bloco, Ricardo Fiúza, e do Governo, Humberto Souto. O deputado alagoano e amigo do presidente Collor ligou realmente para Fiúza que lhe recomendou que se orientasse com o assessor Henrique Hargreaves mas acabou por aparecer no Salão Verde da Câmara. "Estou aqui o tempo todo — trabalho na Comissão



Genoíno: acefalia

de Orçamento das 8h da noite às 4h da manhã", informou. Fiúza acabava de chegar de um encontro com o ministro da Justiça que havia convidado também o líder do Governo no Senado, Marco Maciel. "Um pito?" questionaram os jornalistas. — "Ainda não nasceu o homem que vai me dar um pito", reagiu Fiúza.

O líder do Bloco de Collor na Câmara acabou por afirmar que concorda com Cleto Falcão. Não aprova — "há muito tempo" — também a duplicidade de lideranças mas repetiu, mais uma vez, que os vetos à política salarial são inegociáveis. Não há o que negociar porque o Governo continua não admitindo a indexação de salários ainda que na faixa de três e sete mínimos e muito menos mudar os critérios de reajuste e reposição de perdas do salário mínimo. A palavra de ordem continua sendo a livre negociação para quem ganha acima de três salários mínimos. E disse que a decisão dos partidos de oposição é típica de partidos totalitários. "Eles estão pensando que estão na porta da fábrica". Para Fiúza o Congresso Nacional "é lugar de senso de não de consenso".